

A Folha da Região (Guariba)

3/6/1989

EDITORIAIS

A rica cidade pobre precisa ficar em paz

por Roodney das Graças Marques

Guariba precisa ficar em paz, fora do alcance da imprensa preocupada com o sensacionalismo dos fatos ocorridos há cinco anos, com a greve dos bóias-frias, marcada pela violência da revolta dos trabalhadores contra a SABESP e manchada com sangue, com morte. É tempo da cidade despir-se das roupas sujas daqueles trágicos acontecimentos e jogá-las no cesto do esquecimento. Viver do passado é distrair-se com o presente e desviar-se da rota futuro.

A fama de cidade violenta e pobre, que Guariba carrega nas costas de sua história, afunda-a mansamente no pântano da miséria. O que aconteceu com esta cidade nos últimos cinco anos? Nada. A não ser gozar do desprestígio de ser um lugar indesejável, desaconselhável para desenvolver empreendimentos industriais, incapaz de atrair novos empreendimentos e de abertura de outros tipos de mercados. O levante dos cortadores de cana transformou-se em notícia nacional e atingiu alguns países, como Estados Unidos e Inglaterra. Guariba é, hoje, de tão mal conceituada e pessimamente afamada, uma rica cidade pobre. Entregue à sua própria sorte, sem perspectiva de encontrar uma solução a curto prazo e afastar o fantasma que a assombra nestes cinco anos.

Recentemente, o jornal O Estado de São Paulo voltou à, carga e, através do repórter Galeno Amorim, lembrou o país da situação precária que a cidade se encontra, desde os lamentáveis incidentes de 15 de maio de 1984. Uma matéria jornalística de conteúdo decadente, que traça um painel danificado da situação social e econômica do momento, enquadrando Guariba na categoria de algum vilarejo perdido no sertão nordestino, onde é necessário o uso de bússola para encontrar o caminho de volta à civilização. Mais ou menos no estilo "Não se aproxime, Afaste-se daqui". Se o passado não for definitivamente enterrado, nem esboçada uma reação destinada à recuperação da boa imagem perdida, que marque o início da abertura de uma fresta na parede da reputação negativa, a luz da prosperidade e do desenvolvimento dificilmente voltará a brilhar nesta terra que já conheceu dias melhores. Acabou acontecendo a aprovação de um contrato draconiano, em quem mais cedia, menos podia. E que, quanto mais cedia, mais devia.

Nestes 13 anos de vida tumultuada quanto ao relacionamento população e SABESP, tenho percebido o quê?

— Os custos são altos e as tarifas não param de subir.

— A incoerência da cobrança da tarifa de esgoto ao nível em que está. Porque se entende que tal imposição tarifária deveria vir na esteira da contraprestação de um serviço: o tratamento do esgoto sanitário. E não tão somente na condução dos dejetos para o Córrego Guariba.

— A qualidade da água é boa? Sim. Pois a cidade tem o privilégio de possuir bons mananciais e a SABESP consegue mantê-los adequadamente.

— A quantidade é suficiente? Até que sim, ao menos na zona central da cidade.

Enfim, qual é o grande problema da SABESP? Na próxima edição voltarei a tratar do assunto.

(Página 2)